

Cimeira da Língua Portuguesa

Luís de Camões acordou na chuvosa manhã do dia trinta e um de maio, sem quaisquer planos, ergueu-se para ir buscar o jornal, que recebia diariamente, para ler as notícias, algumas de menor importância, outras sobre a evolução do surto de uma doença altamente contagiosa, a COVID-19 ou algo do género, o quinto surto que já vivenciara, isto se as suas contas estavam bem feitas uma vez que quase cinco séculos não são fáceis de contabilizar. Deparou-se com uma carta, pelo que lhe parecia, escrita à mão, com um selo que desconhecia, "Que invulgar, receber uma carta nos dias de hoje" reagiu Camões, "Hoje em dia é tudo por e-mails, tecnologias às quais ainda não me adaptei, de que será que isto se trata?". Com grande curiosidade e ainda maior rapidez leu a inesperada missiva.

Excelentíssimo Senhor Luís Vaz de Camões,

Por decreto do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, decidiu-se organizar uma cimeira pela urgente defesa da Língua Portuguesa e da importância da sua origem, intitulada "Cimeira da Língua Portuguesa".

Desta forma, dirijo-me a Vossa Excelência na qualidade de Presidente da Comissão Organizadora da referida cimeira, com o intuito de o convidar para participar na mesma, que se realizará no próximo dia 9 de junho de 2021, pelas 14 horas, no Mosteiro dos Jerónimos.

Na realização deste evento, pretende-se reunir as opiniões de grandes homens e mulheres de génio literário da Lusofonia que ao escrever na nossa língua a têm ilustrado ao longo dos séculos e têm vindo a contribuir para o renome e elevação da mesma, como é o caso de Vossa Excelência, de modo a aprovar as melhores resoluções. Em muito nos honraria a sua presença, pelo que, ansiosamente, aguardamos a sua confirmação.

O Presidente da Comissão Organizadora

"Até que enfim alguém decidiu tomar acção" pensou Camões "Ou ação, com este novo acordo ortográfico. Não podia deixar de reparar na caligrafia de um dos meus mais recentes contemporâneos, Fernando Pessoa. Com que então ele ainda luta pelo seu tão desejado Quinto Império, sempre a defender a pátria e a Língua. Concordo plenamente! Há que ser posto um ponto a esta deturpação da nossa Língua e relembrar ao nosso povo a sua origem e o patamar em que a mesma se encontra!". Com o mesmo entusiasmo com que leu o convite, prontificou-se a aceitá-lo e ansiosamente aguardar a chegada do evento.

Já a caminho do Mosteiro dos Jerónimos, Camões ia absorto nos seus pensamentos, a divagar sobre quem havia sido convidado e na expectativa de vir a encontrar alguns dos seus conhecidos conterrâneos, pelos quais tinha grande respeito e admiração. Avistava o Mosteiro, o Padrão dos Descobrimentos e a Torre de Belém, cenário que remetia na sua memória para o embarque nas naus e para as despedidas na época dos Descobrimentos, embora antes não existisse o Padrão e o Mosteiro estar ainda em construção.

À entrada do Mosteiro estavam já inúmeras câmaras e jornalistas, os quais teve o cuidado de evitar. Reconheceu também algumas figuras ao longe que com certeza haviam sido convidadas, entre elas Eça de Queirós, Sophia de Mello Breyner, Herberto Helder, Gil Vicente, Saramago e Miguel Torga. Cada vez mais entusiasmado à medida que reconhecia célebres compatriotas e não só, avistou, escondido, Pessoa e foi ao seu encontro.

- Com que então não sou o único que se está a esconder dos jornalistas, como vai o Senhor Presidente da Comissão Organizadora?

- Ah Luís! Assustou-me! – ambos riram – Estou a dar em louco, fico contente por vê-lo aqui! Espero que tudo corra de acordo com o previsto, tenho grandes esperanças para esta Cimeira e há muito que a planeio.

- Foi você que teve a ideia? Não se preocupe que com os convidados que já vi e aqueles que espero ver tenho a certeza de que irá correr bem.

- Tive sim a iniciativa, mas não o fiz sozinho, tive muita ajuda para conseguir efetivamente realizar tudo isto. Espero que tenha razão, meu caro Camões, é melhor entrarmos que daqui a pouco a sessão irá começar.

Camões assentiu com a cabeça e ambos entraram pelo Mosteiro dos Jerónimos e deslocaram-se até a sala indicada, o claustro inferior, ocupando os respetivos lugares, Camões na fila da frente da plateia e Pessoa na tribuna. Todos já se encontravam sentados. Num movimento súbito, Pessoa levanta-se, seguindo-se um grande silêncio.

“Excelentíssimos convidados, dou as boas vindas a todos nesta Cimeira da Língua Portuguesa e agradeço a vossa presença. Estamos aqui hoje, reunidos, para debater e refletir sobre o futuro da nossa Língua, e, conseqüentemente, da nossa pátria, atendendo à grande deturpação a que tem sido sujeita ao longo dos anos e cada vez mais acentuadamente e por tudo o que ela representa. É tempo de elevar novamente a nossa língua, um idioma no qual a arte, a cultura, a história, a ciência, a filosofia e a espiritualidade da nação se desenvolvem, vamos voltar a ser, ou ter, uma língua apta, rica, gramaticalmente completa e fortemente nacional, de que todos os portugueses e falantes do nosso idioma se orgulhem. O povo português é um povo capaz e de renome e tais características têm que ser transmitidas por meio da língua. É tempo de relembrar as origens e de, novamente, tornar o português numa língua humanitária, uma língua de todos.

Sendo assim, peço a todos vós, escritores, autores, criadores, poetas da língua portuguesa de erudição e eloquência, que conjuntamente contribuam para encontrarmos a solução para o problema que a nossa pátria enfrenta. Por Portugal, pelas Comunidades Portuguesas e pela Língua Portuguesa!”

Foi este o inspirador discurso de abertura de Fernando Pessoa, que, como era de esperar, recebeu fortes e longos aplausos por parte de todos os que se encontravam na sala. Deu-se então o início da cimeira. Camões do seu lugar já era capaz de observar mais alguns ilustres, como Cesário Verde, Manuel Alegre, Vergílio Ferreira, Eugénio de Andrade e o Padre António Vieira. Aguardava cada vez mais ansioso pelas intervenções de tantos escritores e figuras de notoriedade, planeando também a sua.

Foram muitas e diversificadas as excelentes intervenções e pensamentos dos nossos génios da literatura.

José Saramago começou por recordar que “O poeta não será mais que memória fundida nas memórias, para que um adolescente possa dizer-nos que tem em si todos os sonhos do mundo, como se ter sonhos e declará-lo fosse primeira invenção sua. Há razões para pensar que a língua é, toda ela, obra de poesia.”. Seguiu-se uma grande discussão sobre o estilo de pontuação do mesmo e sobre o quão pouco convencional é a sua escrita. Camões, apesar de não se ter pronunciado, aprecia este escritor precisamente pela sua originalidade e considera que é disso que a nação precisa.

Mais tarde, Eugénio de Andrade afirmou que “Foi sempre pelos olhos dos nossos poetas que o português viu mais longe e mais fundo.”. Também Miguel Torga interveio, afirmando que a língua é o espelho fiel de cada sociedade e época, sendo que o seu discurso teve como objetivo, novamente, enfatizar a importância da língua e influência da mesma.

Após longas horas, foram muitas e diversificadas as excelentes intervenções e pensamentos dos nossos génios da literatura. Debateu-se sobre o acordo ortográfico, o qual foi altamente contestado, especialmente pelas figuras mais velhas, como Camões e outros. No entanto, a diversidade de opiniões relativamente a tal, tanto a favor como contra, levaram a que nada se pudesse fazer.

A palavra foi dada a Padre António Vieira, fez um belo discurso em que valorizou a cultura, os valores, a espiritualidade e realçou as origens da língua e a relevância que a mesma possui no quotidiano. “Foi quase como um dos seus sermões” refletiu Camões com grande admiração “Elevou a pátria e a língua em detrimento de tudo o que seja superficial, utilizando as suas analogias como sempre. Genial!”. Seguidamente, Camões apercebeu-se de que seria o próximo a discursar, um pouco nervoso devido aos brilhantes e engenhosos discursos anteriores “Agora sim preciso da inspiração das minhas Musas”. Foi-lhe dada a palavra, e, como era de esperar, o discurso foi fenomenal. Inspirou todos os presentes, incluiu as grandes questões já discutidas e outras ainda, realçou a pátria e fez com que cada um se sentisse verdadeiramente português e com orgulho de o ser. Os aplausos foram os mais sentidos até o momento, sendo que ninguém se atreveu a falar após o grande poeta. Deu-se por terminada a sessão

da Cimeira já de noite, sendo remarcada uma outra para a manhã do dia seguinte, com o intuito de apresentar as conclusões.

Foi às 11 horas e 43 minutos do dia 10 de junho de 2021 que foram apresentadas as resoluções às célebres figuras presentes, pelo próprio Fernando Pessoa:

- a. A língua portuguesa é a expressão do sonho do homem;
- b. A língua portuguesa é espiritualidade, esta encontra formas de diferenciação na diversificação e na inclusão;
- c. A língua portuguesa une muitos Homens de diversos lugares do mundo e permite a comunicação entre os hemisférios;
- d. A língua é também um património de ideias, de sentimentos, monumentos e documentação;
- e. A língua portuguesa no espaço lusófono é a língua usada como material para criar poesia, para escrever teorias, para falar aos corações;
- f. Através da reinterpretação da língua, os autores encontram uma própria geografia do corpo, uma viagem em direção à representação do coração e da alma;
- g. A língua portuguesa deve carregar uma utopia sobre um mundo diferente;

“Por fim” Fernando Pessoa dirige-se a todos os presentes “para dar por terminada a Cimeira da Língua Portuguesa, agradeço a todos pelo vosso contributo, especialmente a Luís de Camões que, mais uma vez, inspirou-nos a todos e despertou novamente o amor à pátria e à língua, comovendo todos aqueles que o ouviram, apelo a que tudo o que foi mencionado seja interiorizado e usado para melhorar a situação que nos levou a estarmos aqui e acrescento também que a nossa pátria é a língua portuguesa e que matar o sonho é matarmo-nos. Muito obrigado.”